

Ministério do Turismo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo  
e [and] Pivô apresentam [present]

# É NOITE NA AMÉRICA

# IT'S IN A

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL  
*SOLO EXHIBITION*  
**ANA VAZ**

CURADORIA  
*CURATED BY*  
**FERNANDA BRENNER**

EXPOSIÇÃO  
*EXHIBITION*  
**DE 3 DE SETEMBRO A  
6 DE NOVEMBRO DE 2022  
FROM SEPTEMBER 3RD  
TO NOVEMBER 6TH 2022**

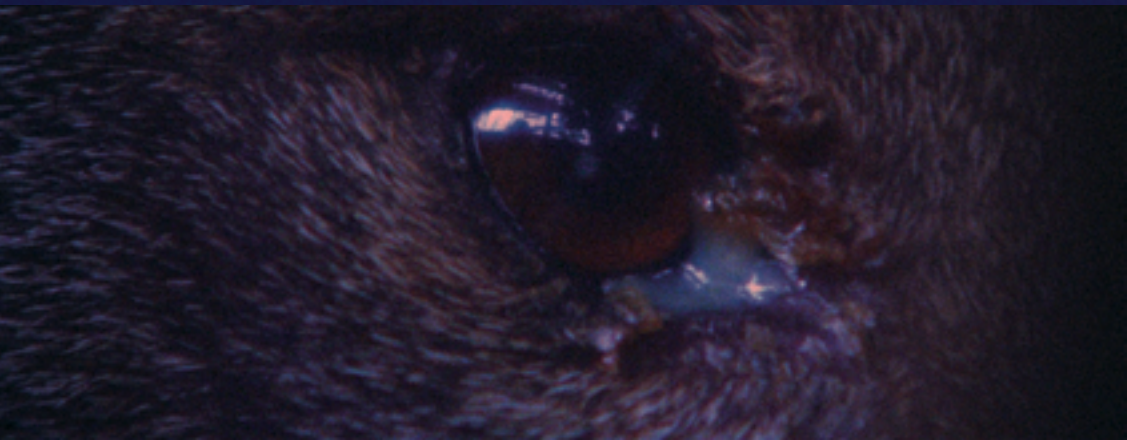
Quarta a domingo, 13h—19h  
*Wednesday to Sunday, 1—7pm*

Classificação  
indicativa livre  
*Verify indicative  
classification*

Gratuito  
*Free entry*

P  
I  
V  
Ô

**EDIFÍCIO COPAN**  
Loja 54 — Bloco A  
Av. Ipiranga, 200  
São Paulo



# S NIGHT É NOITE MÉRICA NA AMÉR

“Descartes  
evidentemente  
jamais viu  
um símio.”

C. Lineu, citado por AGAMBEN,  
Giorgio. **O aberto**. Rio de Janeiro:  
Civilização Brasileira, 2013.



O filme 'É NOITE NA AMÉRICA' é uma comissão e produção da Fondazione In Between Art Film, com coprodução de Ana Vaz, Spectre Productions e Pivô.

*The film 'É NOITE NA AMÉRICA' is a commission and production of the Fondazione In Between Art Film, with co-produced by Ana Vaz, Spectre Productions and Pivô.*

#### **EQUIPE DE EXPOSIÇÃO** **EXHIBITION TEAM**

**CURADORA**  
**CURATOR**  
**Fernanda Brenner**

**DESIGN GRÁFICO**  
**GRAPHIC DESIGN**  
**catê bloise**  
**victor kenji ortenblad**

**EXPOGRAFIA**  
**EXHIBITION LAYOUT**  
**Tiago Guimarães**

**CENOGRAFIA**  
**SCENOGRAPHY**  
**Eprom Cenografia**

**EQUIPAMENTO AUDIOVISUAL**  
**AUDIOVISUAL**  
**Maxi Áudio**

**REGISTRO FOTOGRÁFICO**  
**INSTALLATION SHOTS**  
**Everton Ballardin**

**REGISTRO ABERTURA**  
**OPENING SHOTS**  
**Julia Thompson**

**DOCUMENTAÇÃO EM VÍDEO**  
**VÍDEO DOCUMENTATION**  
**Pedro Marques**

**REVISÃO**  
**PROOFREADING**  
**Fabiana Pino**

**MONITORIA**  
**PUBLIC GUIDE**  
**Felipe Salles**

**ORIENTAÇÃO DE PÚBLICO**  
**AUDIENCE ORIENTATION**  
**Roger's**

**EQUIPE SEGURANÇA**  
**SECURITY TEAM**  
**WMServicos**

**ACESSIBILIDADE**  
**ACCESSIBILITY**  
**Mão Preta Libras**  
**Temporal Produtora**

**AGRADECIMENTOS**  
**ACKNOWLEDGMENTS**  
**Catarina Boieiro**  
**Juliana Fausto**

**PIVÔ AGRADECE AOS**  
**SEUS MANTENEDORES**  
**PIVÔ THANKS ITS SUPPORTERS**

**Alexandra Mollof, Almeida e Dale, Ana e Marco Abrahão, Andrea Pereira e José Olympio da Veiga Pereira, Antonia Bergamin e Mateus Gomes Ferreira, Bergamin & Gomide, Carbono Galeria, Coleção Coletiva, Fabiana Brenner, Fernando Marques Oliveira, Fernanda Diamant, Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Kogan Amaro, Galeria Luisa Strina, Galeria Millan, Galeria Nara Roesler, Guilherme Teixeira, Graham Steele e Ulysses de Santi, José Leopoldo Figueiredo, Mendes Wood DM, Roberto Miranda Lima, Vera e Luiz Parreiras, Virginia e Daniel Weinberg, Vivien Hertogh e Jairo Okret, Aqueles que preferiram permanecer anônimos**

#### **EQUIPE PIVÔ** **PIVÔ TEAM**

**Fernanda Brenner**  
direção artística  
*artistic director*

**Carolina de Sá**  
direção executiva  
*executive director*

**Jaqueline Santiago**  
direção institucional  
*institutional director*

**Ana Roman**  
curadoria  
*curator*

**Jéssica Gonçalves**  
coordenação institucional  
*institutional coordinator*

**Thiego Montiel**  
coordenação pivô pesquisa e projetos especiais  
*pivô research coordinator and special projects*

**Kamyla Belli**  
produção  
*production*

**Luana Lima**  
assistência administrativa  
*executive assistant*

**Daniel Lima**  
atendimento ao público  
*visitor services*

**Giulia Urban**  
assistente de comunicação  
*communication assistant*

**Felipe Salles**  
monitor  
*audience orientation*

**Cristina Serra**  
limpeza e manutenção  
*space maintenance*



# ICA IT'S NIGHT IN AMERICA

“Eu encaro o cinema como um instrumento perspectivista, capaz de produzir uma infinidade de realidades parciais, e construindo assim artifícios como mundos ou formas de mundo feitas de uma miríade de perspectivas. ”

Ana Vaz

Considere as corujas. A coruja tem uma audição tão boa que pode encontrar o que comer na escuridão total. Os morcegos, por sua vez, podem ver tão bem quanto os humanos, mas desenvolveram um mecanismo sofisticado que lhes permite navegar seguindo ondas sonoras que ecoam no ambiente. Seus parentes marítimos distantes, as vieiras, têm centenas de olhos mas nenhum cérebro; sua “visão” funciona como uma espécie de mecanismo de captura de movimento que lhes diz quando devem reagir. Os seres humanos, por outro lado, são altamente dependentes de sua visão, que é bastante limitada. Ao contrário das vieiras, o cérebro de nossa espécie combina as informações reunidas por nossos olhos em uma única imagem. Dentro desse espectro restrito, criamos o cinema, território fundamental do visual. Seja uma comédia romântica, ou em um filme de arte, os cineastas, em sua maioria, consideram que o público experimentará seu trabalho com os mesmos “dispositivos de percepção”.

Como seria um cinema no escuro? Poderíamos aprender a ouvir, cheirar e sentir imagens com outras espécies? Talvez um filme feito por vieiras ou aranhas fosse muito mais intrigante do que os nossos. Quem sabe como uma imagem seria enquadrada para os tamanduás?

Há mais de uma década, a artista e cineasta Ana Vaz vem perseguindo um cinema que

# É NOITE NA AMÉRICA

IT'S  
IN A

acontece ao nosso redor, que se desvia das restrições e categorias a que o gênero é frequentemente submetido, especialmente no Ocidente. O trabalho de Vaz é um cinema de ventos e cachoeiras<sup>2</sup>, que entrelaça livremente imagens de proveniências e tempos distintos e cohabita territórios humanos e não humanos. Seus filmes parecem ser feitos em trânsito, refletindo uma inquietude com o estado das coisas e um olhar politicamente atento, forjado entre as planícies do Centro-Oeste brasileiro – um lugar que, de alguma forma, ela nunca deixou<sup>3</sup> e que cintila nos seus filmes.

Em 2021, durante a pesquisa para esta exposição, Vaz e a filósofa brasileira Juliana Fausto iniciaram uma conversa sobre *A cosmopolítica dos animais*<sup>4</sup>, livro publicado por Fausto. Neste, adaptado de sua tese de doutorado, ela investiga, de um ponto de vista filosófico, a vida política de seres não humanos no contexto do antropoceno – ou do capitaloceno<sup>5</sup>, como Donna Haraway e Jason Moore, ambas referências-chave da filósofa, mais precisamente o definem. Sua filosofia transdisciplinar problematiza a ideia da excepcionalidade do humano e aponta a controversa e violenta coexistência entre espécies em um mundo moldado pelo inconsciente colonial-capitalístico<sup>6</sup>.

O primeiro longa-metragem de Vaz, *É NOITE NA AMÉRICA*, apresentado no Pivô em formato de instalação

de três canais, tangencia livremente as ideias de Fausto, foi filmado inteiramente em noite americana (dia pela noite) com rolos de filmes de 16 milímetros expirados. A tese de Fausto e a música<sup>7</sup> de Guilherme Vaz, pai de Ana, permeiam o filme não como legendas ou explicações, mas como presenças espectrais que nunca desaparecem ou aparecem por completo. Artista e compositor multimídia, Guilherme Vaz foi membro dos movimentos vanguardistas dos anos 1970. Ana Vaz pegou emprestada uma das composições de seu pai como fio condutor para cenas panorâmicas de uma Brasília vazia durante os períodos de pandemia, imagens de arquivo e uma profusão de animais enquadrados – ou talvez, mais precisamente, convidados a colaborar com Vaz e sua equipe. A penumbra azulada que domina o filme e a música entrecortada por ruídos urbanos e animais são essenciais para construir o ambiente assombroso do eco-terror<sup>8</sup> proposto pela artista.

Curiosamente, o zoológico de Brasília ficou pronto antes de a cidade ser totalmente erguida, para que os trabalhadores pudessem ser entretidos pelos animais trazidos enquanto deslocavam a fauna local para dar lugar a betoneiras e guindastes. Esta contradição entre quem e o que estava ali e a ação desmedida desencadeada em nome do progresso já era um tema caro ao seu pai. Sendo assim, a paisagem

# S NIGHT AMERICA

# É NOITE NA AMÉRICA

sonora do filme é uma obra em si e pode ser entendida tanto como uma homenagem, uma evocação de tempos e espécies distintas, quanto como uma tentativa de comunicação com seres providos de outras percepções e dispositivos sensoriais.

Não seria exagero dizer que, de certo modo, a abordagem temática e metodológica de Juliana Fausto aparece em toda a filmografia da artista. Como nas reflexões da filósofa, o objetivo de Vaz era fazer um filme “com” – em vez de “sobre” – animais selvagens forçados a viver em ambientes urbanos, ou no zoológico, consequências da persistência de uma mentalidade extrativista-desenvolvimentista. O roteiro do filme não é premeditado ou veicula uma mensagem direta sobre as questões prementes que o atravessam. *É NOITE NA AMÉRICA*, ao contrário do que se espera do ambiente altamente planejado e hierárquico do cinema, está repleto de sincronicidade e risco. É um filme de espera: desde as expectativas do que revelariam as bobinas de filmes até o momento preciso em que macacos selvagens atravessam uma rua para pular a cerca do zoológico e roubar alguma comida destinada a seus colegas cativos.

Este é um filme de contingências e encontros mais ou menos fortuitos, que começou com o desejo de Vaz de conectar dois projetos altamente planejados e, conseqüentemente, falhos de Oscar Niemeyer: o Edifício

Copan, onde o Pivô está instalado, e Brasília, a razão pela qual Niemeyer deixou o antigo projeto – que o mesmo definia como “uma cidade dentro de uma cidade” – incompleto e partiu para a criação de uma cidade em escala real e planejada sobre um ecossistema complexo, então visto como um terreno baldio. De cima do edifício modernista, uma floresta resiliente pode ser avistada, empurrada gradualmente para a periferia da megalópole. Com essa imagem em mente, a artista foi para Brasília, e durante uma caminhada quase literalmente tropeçou no argumento do filme: o corpo de um tamanduá filhote que provavelmente foi atropelado por um carro, como muitos são, enquanto tentava sobreviver em um centro urbano – enquanto seu hábitat natural torna-se cada vez mais inviável. Sem maiores explicações, ela tomou emprestada a manchete de um jornal local que faz as vezes de sinopse do filme:

‘Um jovem tamanduá é encontrado morto à beira de uma estrada, uma jiboia vagueia pelos subúrbios de Taguatinga, um lobo-guará é visto numa fazenda em Sobradinho II, uma pequena coruja é resgatada no setor Radio Center, uma capivara nada no espelho d’água do Palácio do Itamaraty. A pergunta é: os animais estão invadindo nossas cidades ou nós estamos ocupando seu hábitat?’<sup>9</sup>

# AMÉRICA IT'S NIGHT IN AMERICA

Ana Vaz se refere ao seu filme mais recente como algo que depende, pensa e treme com a escuridão. Ao escolher a noite americana como técnica de exposição da película, ela acena, de modo intencional, para o faroeste, gênero cinematográfico no qual a técnica foi largamente utilizada, e que lucrou com a espetacularização das violentas invasões de terras indígenas nos Estados Unidos. O cowboy opera como rolo compressor, instalando a barbárie em nome de uma dita civilização e da propagação de uma certa ideia de progresso.

Vaz trata os aspectos técnicos de seus filmes com o mesmo rigor conceitual que seus sons e imagens. Deste modo, ela chama a atenção para o estado precário em que vivem os animais retratados, consequência direta do drama colonialista que se arrasta pelos últimos cinco séculos. Embora ela se ocupe sempre de questões urgentes, nada no trabalho de Ana Vaz é dogmático. Seus filmes e instalações são o resultado do encontro da percepção aguçada de um “corpo que dança-respira-vê com a máquina que filma-dança-move-se”<sup>10</sup>, como ela escreveu certa vez sobre a cineasta americana Maya Deren. Agora tomo emprestadas essas mesmas palavras para convidá-los a visitar a primeira exposição individual da artista no Brasil.

1. VAZ, Ana. *Filming in the Dark in What is Real?*. ed. Andréa Picard, Post-Éditions, 2018.
2. ‘Cinema é cachoeira’, citação de Humberto Mauro.
3. Nos últimos vinte anos, Vaz construiu uma prática artística nômade entre Austrália, França, Japão e Portugal.
4. FAUSTO, J. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
5. HARAWAY, Donna J. *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016.
6. ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. n-1 edições, 2019.
7. A música, intitulada *Panthera Onca*, foi composta inicialmente para um documentário de Sérgio Bernardes sobre a matança de onças-pintadas na Amazônia brasileira.
8. Subgênero cinematográfico que explora as revoltas da Natureza contra o ser humano. Tem seu início na década de 1950 com o temor dos efeitos no ambiente dos testes nucleares, principalmente a geração de monstros gigantes.
9. Notícia disponível em: <http://www.pmdf.df.gov.br/index.php/auditoria/43-noticias/noticias-institucionais/26440-por-que-o-aumento-de-animais-silvestres-em-areas-urbanas>
10. VAZ, Ana, *Filming in the Dark in What is Real?*. ed. Andréa Picard, Post-Éditions, 2018.



ENGLISH VERSION



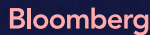
patrocínio / sponsor



co-patrocínio / co-sponsor



incentivador / incentive



parceiro / partner



produção e coprodução do filme /  
film co-production and production



realização / realization



Secretaria de Cultura e Esportes Olímpicos

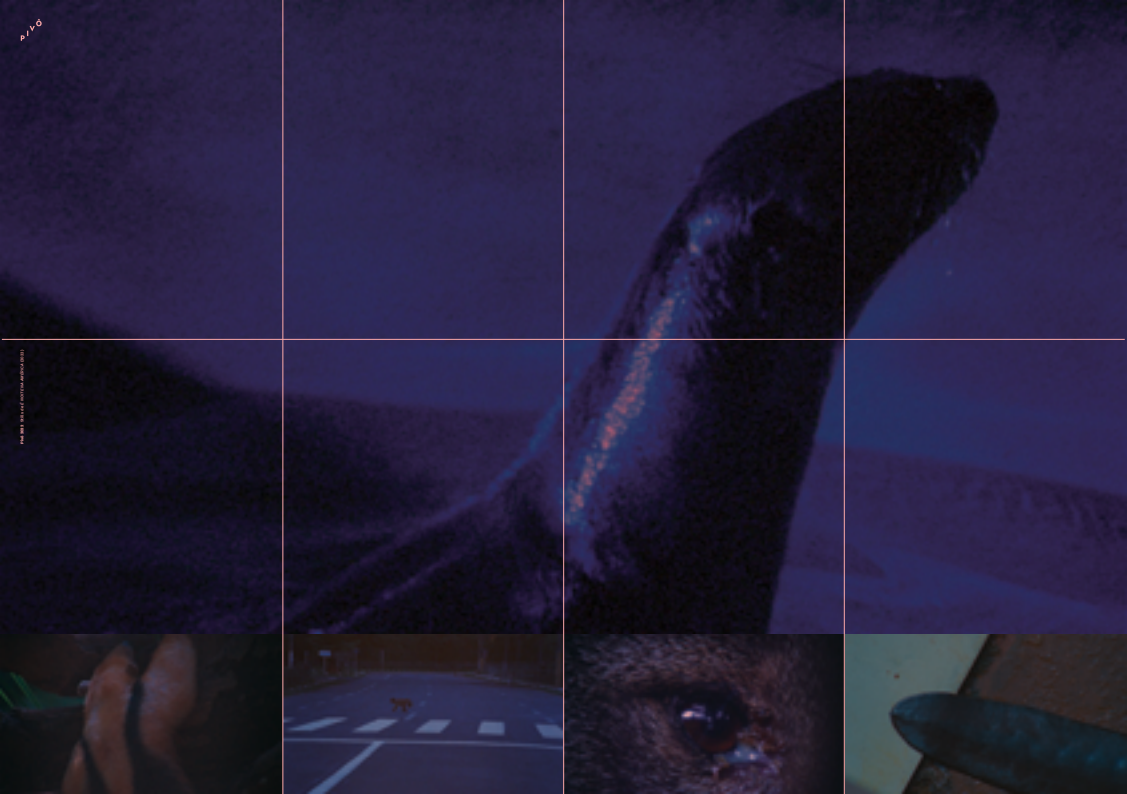


SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO







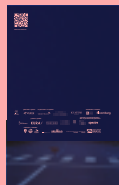
CAPA



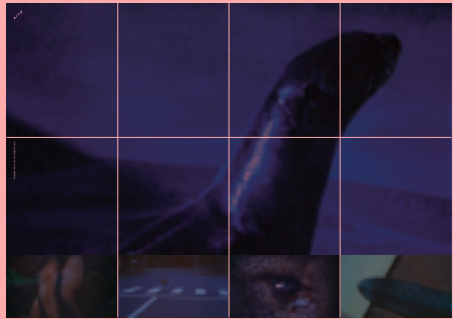
ABRE



CONTRA CAPA



POSTER



PARTE INTERNA

